



# **Presos que menstruam: A brutal vida das mulheres - tratadas como homens - nas prisões brasileiras**

*Nana Queiroz*

[Download now](#)

[Read Online](#) ➔

# Presos que menstruam: A brutal vida das mulheres - tratadas como homens - nas prisões brasileiras

Nana Queiroz

## Presos que menstruam: A brutal vida das mulheres - tratadas como homens - nas prisões brasileiras

Nana Queiroz

Grande reportagem sobre o cotidiano das prisões femininas no Brasil, um tabu neste país, Nana Queiroz alcança o que é esperado do futuro do jornalismo: ao ouvir e dar voz às presas (e às famílias delas), desde os episódios que as levaram à cadeia até o cotidiano no cárcere, a autora costura e ilumina o mais completo e ambicioso panorama da vida de uma presidiária brasileira. Um livro obrigatório à compreensão de que não se pode falar da miséria do sistema carcerário brasileiro sem incorporar e discutir sua porção invisível.

Presos que menstruam, trabalho que inaugura mais um campo de investigação não idealizado sobre a feminilidade, é reportagem que cumpre o que promete desde a pancada do título: os nós da sociedade brasileira não deixarão de existir por simples ocultação – senão apenas com enfrentamento.

## Presos que menstruam: A brutal vida das mulheres - tratadas como homens - nas prisões brasileiras Details

Date : Published June 30th 2015 by Record

ISBN :

Author : Nana Queiroz

Format : Paperback 294 pages

Genre : Nonfiction

 [Download Presos que menstruam: A brutal vida das mulheres - trat ...pdf](#)

 [Read Online Presos que menstruam: A brutal vida das mulheres - tr ...pdf](#)

**Download and Read Free Online Presos que menstruam: A brutal vida das mulheres - tratadas como homens - nas prisões brasileiras Nana Queiroz**

---

## From Reader Review Presos que menstruam: A brutal vida das mulheres - tratadas como homens - nas prisões brasileiras for online ebook

### Patricia says

Com certeza foi um livro que me tirou da zona de conforto e mostrou o quão duro é ser mulher dentro de uma cadeia, o quão duro é ser mulher.

Meus sentimentos se alternavam entre raiva, ressentimento, tristeza e desesperança ao constatar o que levou aquelas mulheres a chegarem naquele ponto.

Assim como a Nana foi impossível pra mim não criar afeição e ficar na defensiva com algumas delas, esquecendo que uma história sempre tem dois lados.

"Mas para você conhecer uma pessoa, precisa de tempo. Precisa comer um pacote de sal juntos, como dizia meu pai. As histórias que ouviu, foram as que elas quiseram te contar. Histórias em que elas acreditam porque repetiram muitas vezes, visando a liberdade. Ou seja: são ficções. O pior ser humano dentro da cadeia se considera vítima, injustiçado. Toda a realidade está imersa em ficção - especialmente quando há culpa envolvida."

---

### Jessica Cordeiro says

Esse livro foi um tapa na minha cara. Importantíssimo para que eu pudesse desconstruir um pouco mais ideias preconceituosas e pouco empáticas sobre quem está por trás desses muros altos das penitenciárias e é invisível. Reiterou meus pensamentos acerca do que é ser mulher, ser pobre, ser mãe, ser abusada, não ter acesso à educação, etc. Além do mais, me desafiou a entender que quem comete crimes - do tráfico de drogas ao assassinato do próprio filho - não vem de Marte e nem faz parte de uma espécie diferente; é ser humano e às vezes mais próximo do que imaginamos. Quem comete os crimes violentos vêm, porém, de uma realidade tão estranha à nossa, que tais ações se tornam possíveis e reais. Foram várias as vezes que eu baixei o livro, incrédula, me colocando no lugar das personagens. É preciso cautela para não enxergá-las como vítimas nem como merecedoras do tratamento sub-humano que recebem. Acabo essa leitura muito mais informada, tolerante e, claro, descrente no sistema.

---

### Juliana says

Orange is the New Black parece cadeia de luxo perto das cadeias brasileiras. Aqui, elas cumprem as suas penas com juros. O livro é dividido em relatos e, em cada um, descobrimos mulheres presas nas mais diversas condições sociais, com os seus crimes e os tipos de penas que cumprem, as suas rotinas atrás das grades ou até, a dureza da realidade que vem depois de terem passado pelas celas.

Essencialmente jornalísticos, estes relatos femininos mostram que ser presidiária no Brasil é sinônimo de ter muita resiliência e perseverança, independente da pena, de ser heterossexual ou homossexual, muito bonita ou muito feia - principalmente pelo sistema carcerário, que oferece tão pouca estrutura. Faltam espaços para visitas íntimas, atendimento psicológico/psiquiátrico com antidepressivos, mas principalmente faltam companheiros, cuidados... entendimento geral.

A questão da homossexualidade, mais aprofundada no final do livro, vai um pouco além dos relatos das páginas anteriores. Oferece uma visão mais crítica sobre ser lésbica na cadeia e às vezes parece ser à parte - reflexo de um assunto amplamente mais pesquisado pela autora, já publicado em diversos jornais e revistas na sua atuação como colunista.

---

### Stephanie says

Muito bom! A narrativa "romantizada" ajuda bastante na fluidez mas os capítulos intercalados não foram uma boa escolha. Mas gostei bastante da leitura.

---

### Nathália Cioffi says

Maravilhoso

---

### Julia Boechat says

Dostoiévski disse que podemos medir o estado de civilização de uma sociedade por meio de suas prisões. Se usarmos esse critério, chegaremos à conclusão de que não há civilização por aqui.

Qualquer um que não seja completamente alienado sabe que no Brasil a tortura sempre existiu (e nunca foi punida) e que as prisões são buracos onde pessoas são jogadas sem a mínima infra-estrutura ou condições que permitem que ela saia com possibilidades de uma vida melhor. Mas podem não saber, como eu não sabia, o alcance disso. Ver a autora perguntar para um grupo de mulheres quantas foram presas grávidas (metade) e quantas foram torturadas grávidas, espancadas, negadas assistência médica (todas) é chocante. Muitas pessoas comparam esse livro com a série Orange is the New Black, já que fala de prisões femininas. A semelhança não para por aí, já que vemos em ambos um pequeno número de presas que foram para a cadeia por crimes violentos e uma quase totalidade que está lá por uma pequena quantidade de drogas. O que mostra onde a "guerra contra as drogas" nos trouxe. E em ambos há comentários semelhantes sobre as diferenças entre prisões femininas e masculinas são ressaltadas: mulheres são menos passivas, vão em cima até da tropa de choque.

Há direitos que temos aqui, (na teoria e raramente na prática) como o de manter os bebês com as mães até os seis meses de idade, que eles não tem lá. E eles podem nos servir para mostrar porque esse processo de privatização de prisões, que está começando no Brasil, é extremamente perigoso para a sociedade.

Por outro lado, lá elas tem condições de higiene e acesso a trabalho que fariam de Litchfield uma prisão modelo se fosse no Brasil, mesmo com todos os seus problemas.

Dito isso, o livro não é bem escrito. Ele é confuso, fragmentado, com uma linguagem cheia de clichês, e poderia ser bem melhor se ela desse voz às entrevistadas, se não romantizasse tanto suas trajetórias. Mas ainda vale a pena.

---

### Felipe Assis says

Há algumas coisas a se estranhar nesse livro com relação a escrita e principalmente a estrutura (que eu definiria como: retalhada), mas os pontos positivos acabaram preponderando: O nível de informação da autora (citações, estatísticas, muito bem informada) , o caráter 'denuncial' do livro, os pontos esclarecedores

---

também (principalmente quando tratou da sexualidade), enfim só a forma como ela estruturou os relatos todos picotados (em pedaços não consegui criar proximidade com as personagens, tirou a profundidade da experiência) em vez de abordar por assuntos ou por relatos que matou. No final a conclusão é de que vale a pena lê-lo, enfim<sup>2</sup>.

---

## Aline says

Que livro complicado. A relevância indiscutível do objeto, a gravidade dos fatos denunciados e o esforço da autora em dar voz a um grupo muito marginalizado tendem a dignificar a obra, mas suas falhas são notáveis demais e acabam jogando contra.

Primeiro, porque o tratamento do tema não é exatamente jornalístico. A autora se permitiu usar recursos retóricos e linguísticos mais próximos da crônica, quando não do romance, do que exatamente do jornalismo. Há floreios em excesso. As fontes de pesquisa são poucas, então o aparato teórico perde espaço para a voz da autora, suas próprias ideias e impressões. Não é errado ou incomum o jornalista se deixar afetar pela história que conta, admitir sua implicação naquele testemunho. Histórias de violência e solidão cobram nossa empatia e o jornalista é tão humano quanto o sujeito de sua matéria, mas uma distância mínima é necessária ao menos na hora de traduzir a experiência para o relato, inclusive para que o objeto principal, o personagem da matéria, não tenha que dividir o palco com a subjetividade do escritor. E, neste livro, a presença da autora é forte demais, suas angústias e impressões disputam espaço com as histórias das mulheres, histórias que poderiam praticamente se contar sozinhas, que têm potência e drama o bastante, por si só, sem precisar de apelações.

A compaixão da autora é nítida, mas em várias passagens se confunde com condescendência. As metáforas usadas para explicar o comportamento e os sentimentos de algumas mulheres muitas vezes as comparam com animais ou crianças. Algumas delas parecem vistas sob um olhar de exotismo. Não há padronização no tratamento das variantes linguísticas das mulheres retratadas, então algumas falas são transcritas com "erros" fonéticos ("homi", "muié") sem que isso tenha nenhuma utilidade senão salientar a falta de instrução e a distância entre aquela mulher e a autora, muito mais articulada, e mesmo os leitores. E nem todas as mulheres são tratadas assim, o que levanta a pergunta de qual terá sido o critério para a escolha de quais entrevistados teriam sua fala transcrita literalmente, com as marcas de oralidade típicas a qualquer falante, instruído ou não, e quais não. Quais falas foram editadas, tiveram sua sintaxe corrigida, seu sentido esclarecido? E por que umas e não outras? Escrever sobre alguém confere ao jornalista o poder de decidir sob quais códigos a fala de alguém será reproduzida, e isso é uma posição de bastante poder. É preciso alguma sensibilidade para tomar as decisões editoriais nesse quesito.

Aliás, é disso que o livro mais carece: um bom tratamento editorial. A experiência da autora é única e rica, e ela poderia ter se beneficiado com um editor mais criterioso, que exigisse mais rigor na confecção do texto, inclusive por respeito àquelas que visa retratar.

A história das mulheres encarceradas no Brasil é um assunto muito sério, urgente, que merece o máximo de atenção e grandes obras que discutam a misoginia do sistema. Uma pena, pois "Presos que menstruam" poderia estar à altura.

---

## Fran says

1st read: 26.09.15 | 2nd read: 22.06.16

Usei o livro da Nana Queiroz como referência de escrita para o meu trabalho de conclusão de curso (TCC), que também foi um livro-reportagem, no ano passado. Após diversas notícias na mídia sobre as histórias nele contidas, resolvi comprá-lo e não poderia ter acertado mais na escolha: além de uma grande inspiração para o

meu trabalho, o livro me abriu os olhos para muitas questões e aflorou uma grande sensibilidade em mim para o tema.

Para quem acha que irá se deparar com algo na linha "Orange Is The New Black", cheio de glamour, sinto informar que a realidade é outra. Nana, aqui, traz um relato sincero sobre o que é a vida das mulheres nas penitenciárias femininas no Brasil, trazendo suas histórias de vida antes, durante e depois do cárcere. O que podemos observar aqui, e que é exatamente igual às características das personagens da série, é que a maioria das mulheres que se envolvem, de fato, com o crime o fazem por falta de escolhas - muitas são pobres, sem estudo e com poucos chances de melhores remunerações trabalhistas. Outras, se envolveram por amor, amizades e escolhas erradas. Nana não tenta tomar lados e nem fazê-las de vítima. Mostra o que, de fato, são aquelas mulheres.

A autora intercala as personagens, o que torna o livro mais "leve" e a leitura flui melhor. Através desses relatos e das pesquisas realizadas podemos notar que a realidade da mulher presa é um tanto diferente da dos homens, mas ainda sim, muito igual. O que fica claro aqui é que o abandono faz parte da vida dessas mulheres - abandono do Estado, da sociedade, da justiça e da família, principalmente. Quando presa, a mulher é esquecida.

Em dado momento, Nana percebe que está se deixando levar e esquecendo um pouco de seu lado jornalista. Neste ponto, o livro me conquistou de vez. Ela, então, vai atrás dos inquéritos de algumas presas e confronta com suas versões, deixando à critério do leitor a conclusão de uma história que não é nada bonita.

Vale a leitura. Um "tapa na cara" que se faz, extremamente, necessário.

---

## Viviane Cordeiro says

É difícil ser mulher neste país - talvez não apenas aqui, mas como Brasileira eu sinto na pele as dificuldades impostas pela sociedade à nós mulheres. Se a vida já é difícil e tumultuada para nós que estamos "livres" (creio que não existe a necessidade de explicar o porque das aspas, correto?), quíça para aquelas que estão atrás das grades?

Nana Queiroz fez um trabalho incrível e extremamente delicado neste livro ao abordar o dia a dia das mulheres que hoje cumprem pena nas prisões brasileiras. Narrando a história de várias mulheres nos quatro cantos do universo prisional brasileiro, Nana nos mostra uma faceta até então desconhecida (ou poderíamos dizer esquecida?) destas mulheres: num país machista e patriarcal, quando um homem é preso sua esposa vai visitá-lo constantemente e no caso de muitas, sua vida passa a girar ao redor daquela penitenciária; já quando uma mulher encontra-se em regime fechado, pouco mais de 2% dos maridos a visitam. Por que? Que marido quer levar nas costas a cruz de uma mulher na prisão? Pouco tempo depois ele já tem outra ocupando seu lugar. É vida que segue para ele e vida estagnada pra ela.

O tratamento despendido à elas nas prisões também é chocante: idosas, grávidas, jovens, não importa. Todas sofrem de abusos e maus tratos, independente do crime que cometeram. Mulas de droga, traficante, assassinas, sequestradoras, ou até mesmo uma garota apaixonada que simplesmente não consegue enxergar os delitos do amante e o segue cegamente, todas estas mulheres foram jogadas no mesmo caldeirão fervente da humilhação.

Existe até um capítulo a parte para o chamado 'Efeito Suzane': como que Suzane von Richthofen conseguiu ganhar tantos admiradores no presídio, transformando-se em uma espécie de superstar do Tremembé? Como ela conseguiu deixar até um promotor encantado, ato que inclusive valeria sua carreira?

Com uma escrita altamente pessoal, Nana Queiroz não apenas digere o dia a dia mas também nos apresenta as histórias que levaram cada uma das detentas até aquele lugar e posteriormente entra em detalhes sobre os crimes de cada uma e ao futuro que elas tem a frente. Não se trata de uma humanização ou demonização

daquelas que vivem atrás das grades, haja visto que cada um de nós temos uma história que nos molda para a vida, e muitas vezes estas histórias definem o nosso futuro.

Espero não ser a única neste país que acredita que todos devem e precisam pagar suas contas perante ao Estado, mas que, ao menos, sejam pagas com o mínimo de dignidade, para que um dia possam retornar reabilitadas para a "sociedade livre".

---

## Juliana Kozlowski says

Incrível leitura que mostra fielmente a realidade de uma mulher em situação de encarceramento, suas mazelas e as dificuldades frente a sociedade machista.

---

## Deise Capuzzo says

Ainda to digerindo tudo o que este livro me fez sentir mas vou tentar escrever uma resenha minimamente coerente.

O livro foi um trabalho feito pela jornalista Nana Queiroz (que, depois, pesquisando eu descobri ser uma das mulheres que criou o movimento "Eu não mereço ser estuprada: pontos pra ela) depois de interessar pelo tema das prisões brasileiras femininas e perceber o quanto, pelo menos na época em que ela pesquisou/escreveu, as mulheres presas e suas realidades são um tema basicamente esquecido e invisível dentro da sociedade.

Uma das coisas que eu mais gostei foi o fato dela ter tentado abordar esse cotidiano contendo variados pontos de vista, de diferentes prisões, de mulheres com tipos de crime diferentes, de ponto de vista de família, de gente que vai visitar, de ativistas, diretores de cadeia e por aí vai. Com certeza a perspectiva amplia muito dessa maneira e foi muito instrutivo.

O livro é um daqueles meio paradoxais: ele é ruim de ler, te faz mal, dá dor no estomago porque a realidade destas mulheres é sofrida e horrível; apesar disso, a escrita da Nana é ótima, super fluida e você meio que não quer largar o livro por que oh-está-tão-interessante (e você se sente culpado por achar tudo isso tão interessante/curioso, do alto da sua bolhinha de felicidade.. enfim).

A Nana além de ajudar os meros mortais que não fizeram Direito e não entende um bocado de coisa colocando ali um aporte teórico, pesquisou tratados internacionais dos quais o Brasil é signatário e que tratam de temas que envolvem esse assunto e também colocou várias notas interessantes pra situar o leitor.

Com certeza é uma leitura que te faz questionar o nosso sistema e se a maneira como ele está estruturado faz algum sentido, traz os resultados esperados - a resposta é não - e te faz perguntar por que e a interesse de quem as coisas foram feitas dessa forma (como eu tenho esse costume de fazer isso uma vez por dia pelo menos, só piorou no caso). Além disso, com certeza me ajudou a colocar coisas em perspectiva: a Nana em momento algum coloca essas presas como 'óh-coitadinhas-tão-vítimas' (inclusive, ela mesma escreve sobre como as próprias presas não querem que ela as descreva assim), ela só te ajuda a montar um quadro mais real e concreto de como e porque pessoas 'desviam' da lei. Eu não sou pessoa, nem de longe e de maneira alguma, de achar que 'bandido bom é bandido morto' mas o livro também te ajuda a se colocar no lugar de algumas dessas pessoas e tentar pensar qual seria a sua reação se você tivesse a vida de alguma delas ali (e também continua te - ou me, pelo menos - fazendo pensar sobre os meus próprios privilégios).

Enfim, vale a leitura. Muito. Leiam. O livro é super importante e muito bem escrito. Um excelente trabalho que te deixa pensativo muito tempo depois...

---

### **Rannyson says**

a quantidade de informação que esse livro passa é surreal. nos mostra como o sistema prisional é cruel ao permitir tantas políticas machistas, homofóbicas, transfóbicas e tantas outras. os relatos são impactantes justamente pela simplicidade com que são ditos e por toda a dor que carregam. são exemplos de mulheres esperançasas, mas também de mulheres cansadas, perdidas e sem perspectiva. tudo muito assustadoramente real. a ideia do livro por si só já é muito interessante, justamente por dar voz a uma classe tão esquecida, tanto pela sociedade quando a própria família, como é mostrado. acho uma leitura muito importante para literalmente qualquer pessoa.

---

### **Grazielle Balbi says**

Gostei muito das histórias do livro e me comovi bastante, só não gostei tanto de como as histórias são contadas intercaladas ao invés de em sequência.

---

### **Ernesto Ferreira says**

A Nana conta histórias que te fazem entender um pouco da realidade dentro dos presídios femininos. Baita livro, simples, leve e pesado.

---